

# **A respeito dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes: uma análise exegética em 1 Coríntios 12.1-11**

Antonio Carlos Bezerra Florencio<sup>62</sup>

**Resumo:** O presente trabalho visa elaborar uma exegese da primeira epístola de Paulo aos Coríntios, capítulo 12, versos 1-11, buscando apresentar os principais problemas interpretativos do texto. Na passagem estudada, Paulo ensina que o Espírito Santo dotou os membros de Corinto com dons espirituais que otimizam e promovem a vida da igreja. O Espírito Santo opera por meio de crentes individuais, usa-os como instrumentos para cumprir o propósito de Deus e edificação da igreja. Através de um diálogo com os principais estudiosos da epístola, buscou-se apresentar uma análise contextual e textual da passagem, bem como uma definição e classificação dos dons espirituais presentes na passagem.

**Palavras-Chave:** 1 Coríntios 12. Dons espirituais. *Pneumatikon. Charisma.*

**Abstract:** The present article aims to elaborate an exegesis of Paul's first epistle to the Corinthians, chapter 12, verses 1-11, seeking to present the main interpretative problems of the text. In the passage studied, Paul teaches that the Holy Spirit endowed the members of Corinth with spiritual gifts that optimize and promote the life of the church. The Holy Spirit works through individual believers, uses them as instruments to fulfill God's purpose and edify the church. Through a dialogue with the main scholars of the epistle, we sought to present a contextual and textual

---

<sup>62</sup> Mestrando (STM) em Teologia do Novo Testamento pelo CPAJ/Mackenzie; Pós-graduado em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário Senac; Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento pela UNIFIL; Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo; Bacharel em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor e Diretor Acadêmico do Seminário Teológico Batista Rhemaná; Professor convidado do Seminário Teológico Evangélico Congregacional e do Seminário Teológico Jonathan Edwards.

analysis of the passage, as well as a definition and classification of the spiritual gifts present in the passage.

**Keywords:** 1 Corinthians. Spiritual gifts. Pneumatikon. Charisma.

## Introdução

Em nossos dias, talvez, nenhuma outra seção das cartas de Paulo tenha recebido tanta atenção e debates prolongados quanto os capítulos que tratam sobre as manifestações do Espírito Santo (1 Co 12-14). Alan Johnson comenta que, historicamente, desde a era apostólica, houveram três grandes períodos de intenso interesse nas “manifestações do Espírito”. São eles: 1) Após o segundo século, com as profecias de Montano e seguidores, onde posteriormente foram condenadas como heresia. 2) Na época da Reforma Protestante (séc. 16), Lutero, Calvino e Zwinglio se opuseram às “novas revelações” e “profecias” de uma ala radical dos anabatistas. 3) O último período se deu no início do Século 20 onde surgiram as primeiras igrejas pentecostais e com o passar dos anos essas igrejas cresceram e se espalharam por todos os cantos do mundo.<sup>63</sup> Podemos afirmar, sem dúvidas, que este último período, que perdura até os dias atuais, é o mais intenso e enfático período sobre as manifestações do Espírito Santo da História da Igreja.

O forte interesse por manifestações do Espírito Santo não chegou sem inúmeras controvérsias. Alguns grupos são fortemente contrários às manifestações do Espírito apresentadas nos capítulos de 1 Co 12-14 para os dias de hoje. Eles são conhecidos como “cessacionistas”, por defenderem uma cessação histórica de alguns dons espirituais, como profecias, dons de curas, dons de falar em línguas e interpretação dessas línguas. Já outros, segue para o outro extremo, e abraçam entusiasticamente as manifestações do Espírito, tornando-as centrais para sua vida pessoal e para a igreja local. Podemos encontrar um terceiro grupo, que busca um equilíbrio entre os outros dois grupos citados. Eles afirmam que não existe nenhuma razão bíblica ou histórica para a cessação desses dons espirituais, ou seja, afirmam que os mesmos são contemporâneos, mas não fazem deles algo essencial para a caminhada cristã. Geralmente esse terceiro grupo, apesar de crer na contemporaneidade dos dons, não costuma praticar todos os dons em suas vidas privadas ou em reuniões de culto. Independentemente da posição que se adote, a verdade é que a igreja moderna

---

<sup>63</sup> JOHNSON, Alan F. *1 Corinthians*, vol. 7, The IVP New Testament Commentary Series. Westmont: IVP Academic, 2004, p. 214.

sentiu o impacto do movimento pentecostal e carismático iniciado no começo do Século 20 e que perdura até os dias atuais.

O presente trabalho visa elaborar uma exegese do texto de 1 Coríntios 12:1-11, buscando apresentar os problemas interpretativos do texto e trazer à tona a sua teologia e aplicações corretas. Para esse trabalho, temos alguns objetivos: 1) fazer a própria interpretação do texto em sua língua original; 2) comparar essa interpretação com a de outros exegetas, estabelecendo um diálogo com tais interpretações, 3) por fim, intentarmos que o trabalho escrito contenha a compreensão do estudante de como aquele texto coopera com a teologia e com a prática cristã. O estudioso Gordon Fee afirma:

Talvez seja interessante assinalar que artigos sobre essa passagem nos periódicos acadêmicos nos 25 anos são praticamente inexistentes, o que provavelmente revela algo sobre onde está (ou não está) o interesse do mundo acadêmico em comparação com o restante de 1 Coríntios.<sup>64</sup>

O contexto da passagem escolhida aborda o mau uso dos dons espirituais por parte da igreja em Corinto. Paulo escreve os capítulos 12-14 com objetivo de doutrinar a igreja sobre a necessidade de compreender corretamente a respeito dos dons espirituais e de seu uso mais sensato. O capítulo 12 marca o início de uma nova seção na carta de Paulo à igreja de Corinto. No entanto, como entende Ciampa e Rosner, essa passagem também se relaciona com os capítulos anteriores por sua referência aos ídolos em 1 Co 12:2.<sup>65</sup> Paulo inicia o capítulo 12 com a expressão “A respeito dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorante” (Περὶ δὲ τῶν πνευματικῶν, ἀδελφοί, οὐ θέλω ὑμᾶς ἀγνοεῖν). Entendemos com essa expressão, que o apóstolo busca responder mais uma de muitas perguntas que os membros da igreja de Corinto fizeram.<sup>66</sup> Nesse caso, sobre as manifestações dos dons na igreja. Mas, a resposta veio em forma de correção e não em forma de uma simples informação, pois a passagem deixa transparecer que o apóstolo Paulo discorda do ponto de vista dos coríntios. Dos versos 1-11, Paulo ensina que o Espírito Santo dotou esses membros com dons que otimizam e promovem a vida da igreja. Ele opera por meio de crentes

<sup>64</sup> FEE, Gordon. *1 Coríntios – Comentário Exegético*. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 737, n 2.

<sup>65</sup> CIAMPA, Roy; ROSNER, Brian. *The First Letter to the Corinthians*, PNTC, Grand Rapids: Eerdmans, 2010, p. 560.

<sup>66</sup> Essa é uma convicção quase universal, baseada na recorrência da fórmula Περὶ δὲ encontrada em outras passagens como 7.1,26; 8.1; 16.1. Cf. FEE, *1 Coríntios*, p. 720; SCHREINER, Thomas R. *1 Corinthians: An Introduction and Commentary*. Vol. 7. TNTC. London: Inter-Varsity Press, 2018, p. 252; THISELTON, Anthony C. *The First Epistle to the Corinthians*. NIGTC. Grand Rapids: W.B. Eerdmans, 2000, p. 909.

individuais e os usa como instrumentos para cumprir o propósito de Deus.<sup>67</sup> Dos versos 12-26, Paulo fala da igreja, não como indivíduos, mas como uma unidade. Ele retrata a igreja em termos do corpo humano, que em si já está entre as maiores maravilhas das criações de Deus. Para Paulo, a ilustração do corpo humano serve para mostrar a diversidade no interesse da unidade.<sup>68</sup> Os versos 27-31, Paulo traz um resumo da unidade, resume os dons apresentados nos versos 1-11 e encerra com um argumento da necessidade de os coríntios buscarem os melhores dons.

## 1. Revisão de literatura

Mas qual era o problema da Igreja de Corinto? O que tanto preocupava Paulo a ponto de ele dedicar uma grande passagem da carta (cap. 12-14) para instruir a igreja nessa área? Por que a igreja estava tão dividida acerca das manifestações do Espírito, algo que deveria trazer unidade, santificação, crescimento e edificação?

Para Siegfried Schatzmann, Paulo parece articular um triplo propósito que abrange a prática de todos e quaisquer dons espirituais: 1) Exaltação e senhorio de Cristo; 2) Edificação da igreja; e 3) Exercício da prática amorosa. Mas, ao mesmo tempo, parece quase inevitável que o propósito dos dons também esteja relacionado à sua função e é nesse momento que existem divisões de interpretações dentro da academia, especialmente no que diz respeito às quatro áreas principais: (1) os vários dons de discurso inspirado, especialmente línguas e profecia, (2) os dons mais normativos que muitas vezes são considerados cargos eclesiásticos (1 Co 12.28; cf. Ef 4.11), (3) a relação dos dons com os talentos (naturais), e (4) a maneira pela qual Paulo ordenou (listou) os dons espirituais.<sup>69</sup>

Os versos 1-3 formam a primeira divisão do capítulo. David Garland enfatiza a importância dos versículos iniciais para a compreensão do argumento de Paulo para todo o capítulo. Garland afirma que 1 Co 12.1-3 introduz o assunto dos dons espirituais e apresenta a tese da seção: Todos os cristãos são pessoas “espirituais”.<sup>70</sup> Porém, não existe uma unanimidade entre os estudiosos sobre a divisão do restante

---

<sup>67</sup> KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento - 1 Coríntios*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p.506.

<sup>68</sup> Ibid., p. 526.

<sup>69</sup> SCHATZMANN, Siegfried S. *Purpose and Function of Gifts in 1 Corinthians*. *Southwestern Journal of Theology*. Vol. 45. Fall 2002, p. 53-68.

<sup>70</sup> GARLAND, David E. *1 Corinthians*, BECNT. Grand Rapids: Baker, 2003, p. 561.

capítulo 12. Morris prefere dividir em mais duas seções, 12.4-11 e 12.12-31.<sup>71</sup> Já outros comentaristas como Gordon Fee<sup>72</sup> e C. K Barrett<sup>73</sup> entendem o restante do capítulo 12 como uma grande e única seção, que se estende dos versos 4 ao 31.

Nos versos 1-3, encontramos duas grandes discussões. A primeira seria compreender qual o significado do substantivo adjetivado πνευματικῶν (*pneumatikon*) no verso 1, pessoas espirituais ou dons espirituais?

A segunda grande discussão é saber qual significado contextual da expressão Ἀνάθεμα Ἰησοῦς (*anathema Iesus*) traduzida por “anátema, Jesus” ou “Jesus seja amaldiçoado” (v.3). Há uma ampla discordância quanto ao significado da frase e qual é sua função dentro do argumento de Paulo em 1 Co 12:1-3. Talvez seja relativamente fácil entender o sentido dessa frase, porém, é difícil saber se alguém a disse e, em caso afirmativo, em qual contexto. Anthony Thiselton apresenta doze possíveis interpretações dessa expressão, embora nem todos os argumentos sejam igualmente convincentes, a pesquisa ilustra a dificuldade exegética de interpretar essa passagem.<sup>74</sup> Fee apresenta três interpretações básicas da expressão “anátema, Jesus”, a) essa expressão é uma alternativa hipotética, imaginada à luz do que acabou de ser dito (v.2); b) essa expressão foi dita por pessoas inspiradas por demônios em ambientes pagãos a que Paulo havia acabado de aludir (v.2); e c) essa expressão foi falada de fato na assembleia cristã. Estudaremos detalhadamente essa expressão um pouco mais a frente.

## 2. Análise contextual

Quais características da igreja de Corinto podemos encontrar nas igrejas atuais e quais os problemas são decorrentes de uma má interpretação dessa passagem?

A seção sobre dons espirituais pode ser estruturada em três seções principais<sup>75</sup>:

---

<sup>71</sup> MORRIS, Leon. *1 Coríntios – Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1981, p. 113. Cf. ROBERTSON, Archibald; PLUMMER, Alfred. *A Critical and Exegetical commentary on the First Epistle of St. Paul to the Corinthians*, ICC. Nova York: T&T Clark, 1911, 257, 258.

<sup>72</sup> FEE, *1 Coríntios – Comentário Exegético*, p. 736.

<sup>73</sup> BARRETT, C. K. *The First Epistle to the Corinthians*, HNTC. New York: Harper & Row, 1968, p. 281.

<sup>74</sup> THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 918-925. O ponto interessante da pesquisa de Thiselton é que ela interage com argumentos acadêmicos mais técnicos, em vez de defender uma posição particular.

<sup>75</sup> SCHREINER, *1 Corinthians*, p. 251.

- A. No capítulo 12.1-31a Paulo traz um esboço sobre a unidade da igreja, embora haja uma diversidade de dons distribuídos a diversos membros da igreja.
- B. Nos capítulos 12.31b-13.13 Paulo apresenta a prioridade do amor em relação às manifestações dos dons. Essa passagem não é uma digressão sem propósito. Antes, apresenta que os dons sem amor são inúteis e prejudiciais. O amor é superior, pois durará para sempre, enquanto que os dons passarão.
- C. No capítulo 14.1-40 Paulo explica os dons com mais detalhes. Ele afirma que a profecia deve ser superior às línguas, porque edifica a igreja com palavras compreensíveis (v. 1-19). Enquanto as línguas sem uma interpretação levarão julgamento a incrédulos, a profecia pode trazer alguém para a salvação (v. 20-25). Por fim, deve haver ordem quando a igreja se reunir, pois, a igreja não é edificada se as reuniões forem confusas e ininteligíveis (26-40).

Podemos dividir o capítulo 12 da seguinte forma:

- A. Versos 1-11 - Paulo ensina que o Espírito Santo dotou esses membros com dons que otimizam e promovem a vida da igreja. Ele opera por meio de crentes individuais e os usa como instrumentos para cumprir o propósito de Deus.<sup>76</sup>
- B. Versos 12-26 - Paulo fala da igreja não como indivíduos, mas como uma unidade. Ele retrata a igreja em termos do corpo humano, que em si, já é uma das maiores maravilhas das criações de Deus. Para Paulo, a ilustração do corpo humano serve para mostrar a diversidade dentro da unidade.<sup>77</sup>
- C. Versos 27-31 - Paulo traz um resumo da unidade, resume os dons apresentados nos versos 1-11 e encerra com um argumento que se não bem interpretado pode gerar dúvidas e problemas.

Neste trabalho, analisaremos os versos 1-11.

### 3. Análise textual

O verso 1 começa com uma expressão *Περί δὲ* (A respeito de) que introduz uma nova seção na carta e responde a um questionamento dos coríntios feita a Paulo através de uma carta. Paulo busca chamar a atenção dos coríntios através do uso do vocativo

---

<sup>76</sup> KISTEMAKER, *1 Coríntios*, p.506.

<sup>77</sup> *Ibid.*, p. 526.

ἀδελφοί (irmãos)<sup>78</sup> e da expressão ἀγνοεῖν (ignorantes)<sup>79</sup>. Mas, uma das expressões que mais tem sido debatida nos círculos acadêmicos é πνευματικῶν (*pneumatikon*). O significado do termo πνευματικῶν, que em muitas versões é traduzida como “dons espirituais”, não pode ser descoberto gramaticalmente, visto que existem duas possibilidades de classificação da palavra, plural genitivo masculino ou plural genitivo neutro. Logo, existem duas possibilidades de tradução, “pessoas espirituais” (masculino)<sup>80</sup> ou “coisas espirituais” (neutro)<sup>81</sup>.

A favor da interpretação de πνευματικῶν como “pessoas espirituais” temos o uso que Paulo fará do substantivo *charismata* (“dons”). Se Paulo quisesse se referir a dons no v.l, e não a pessoas, ele possivelmente teria preferido a segunda palavra, presente em vários versos do capítulo (12:4, 9, 28, 30, 31) e que, a princípio, parece ser a sua palavra específica para “dons” ou “dádivas” espirituais. Para Lopes, “havia mesmo um grupo de pessoas que se denominavam ‘espirituais’, composto por crentes que falavam línguas, profetizavam e tinham o dom do conhecimento e da sabedoria”.<sup>82</sup> Blomberg afirma: “O termo provavelmente reflete a maneira orgulhosa como os líderes coríntios se referiam a si mesmos. Da mesma forma, Paulo capta suas afirmações de conhecimento e, com um toque de ironia, teme que ele realmente precise dissipar sua ‘ignorância’”.<sup>83</sup> Para John Ekem há indícios de que, dado o tom retórico da argumentação de Paulo em 1 Co 12.1-3 e considerando a situação que está sendo tratada em passagens-chave nesta carta, a interpretação e tradução mais viável de πνευματικῶν seriam “pessoas espirituais”.<sup>84</sup>

Carson, por outro lado, propõe que πνευματικῶν seja traduzido como “dons espirituais”. Para ele, πνευματικῶν era a palavra usada pelos coríntios na carta escrita a Paulo, enquanto χαρισμάτων (*charismaton*) seria o termo da preferência do apóstolo

<sup>78</sup> O vocativo ἀδελφοί aparece 21 vezes em 1 Coríntios, mais do que em qualquer outra epístola paulina.

<sup>79</sup> Segundo o BDAG (p. 12) significa “ser desinformado sobre, não saber, ser ignorante (de)”. O verbo está no tempo presente, o que sugere ação contínua, “não quero que vocês continuem sendo ignorantes” ou “permaneçam ignorantes”.

<sup>80</sup> Essa é a preferência de BLOMBERG, Craig. *1 Corinthians*, NIVAC. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1994, p. 243; LOPES, Augustus Nicodemus. *O Culto Espiritual*. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p.23-26; BRUCE, F. F. *1 and 2 Corinthians*. New Century Bible. Londres: Oliphants, 1971, p. 116.

<sup>81</sup> Essa é a preferência de FEE, 1 Coríntios, p. 727; THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 909, 910; SCHREINER, *1 Corinthians*, p. 253; CARSON, D. A. *A manifestação do Espírito*, p. 24; MARTIN, Ralph P. *The Spirit and the Congregation: Studies in 1 Corinthians 12–15*. Eugene: Wipf & Stock Publishers, 1997, p. 7-8.

<sup>82</sup> LOPES, *O Culto Espiritual*, p. 24. Cf. LOPES, Augustus Nicodemus. Paulo e os ‘Espirituais’ de Corinto. *Fides Reformata* v. 3, n. 1, 1998, p. 88-109.

<sup>83</sup> BLOMBERG, *1 Corinthians*, p. 243.

<sup>84</sup> EKEM, John David. “Spiritual gifts” or “spiritual persons”? 1 Corinthians 12:1a revisited. *Neotestamentica*, 38 n° 1, 2004, p. 54-74.

que ele passará a usar a partir do v.4, ou seja, ambas as palavras significam a mesma coisa, “dons espirituais”, mas com nuances diferentes. Os coríntios preferiam uma palavra que enfatizasse a origem dos dons, o Espírito. Mas, Paulo teria escolhido um termo que desse ênfase à gratuidade dos dons (4:7). O que quer que seja verdadeiramente considerado ‘espiritual’ deve ser visto como uma dádiva graciosa da parte de Deus.<sup>85</sup> Mas por que a tradução de πνευματικῶν como neutro é preferível? Existem alguns fatores: 1) Em 1 Co 14.1 Paulo afirma: “*Segui o amor e procurai, com zelo, os dons espirituais* (πνευματικά<sup>86</sup>).” πνευματικά só pode se relacionar com dons, e não com pessoas. 2) O contexto de Paulo nos apresenta que ele não está se referindo a pessoas, mas está respondendo à questão sobre a ordem no culto público, isto é, ele não discute coisas ou pessoas espirituais, mas dons espirituais. John MacArthur afirma que, com exceção de Efésios 6.12, a palavra “espiritual” é sempre usada no Novo Testamento para aquilo que de algum modo está relacionado com o Espírito Santo. Paulo quer ter certeza que os coríntios têm uma compreensão clara e completa de seus dons espirituais.<sup>87</sup>

Como devemos interpretar a expressão Ἀνάθεμα Ἰησοῦς (*anathema Iesus*) traduzida por “anátema, Jesus” (v.3)? Na revisão de literatura vimos que Fee apresenta três interpretações básicas desta expressão. Ele identifica os pontos fortes e fracos de cada posição e explica como eles dão sentido à relação da frase com 1 Co 12.2. Na opinião de Fee, a expressão mais provável é que seja a) um exemplo hipotético ou b) algo que alguns dos coríntios realmente pronunciaram em seu passado pagão.<sup>88</sup> Leon Morris sugere que alguns crentes coríntios podem ter distorcido o ensino de Paulo sobre Cristo se tornar uma maldição “por nós” (Gl 3:13). A igreja de Corinto, acredita Morris, pode ter acreditado na ideia distorcida, uma vez que foi proferida em uma expressão extática e parecia ser uma prova de inspiração do Espírito.<sup>89</sup> Van Unnik sugere a existência de “cristãos” que criam que Jesus havia morrido na cruz como maldição pelos nossos pecados, mas não criam que ele havia ressuscitado dos mortos, não podendo, assim, confessá-lo como Senhor.<sup>90</sup> D. A. Carson discorda de Van Unnik e argumenta que não conhece nenhuma evidência

---

<sup>85</sup> CARSON, D, A manifestação do Espírito, p. 24

<sup>86</sup> A palavra πνευματικά está no plural neutro e sua tradução é “espirituais”.

<sup>87</sup> MACARTHUR, John. 1 Corinthians: The MacArthur New Testament Commentary. Chicago: Moody Press, 1984, p. 282.

<sup>88</sup> FEE, 1 Coríntios – Comentário Exegético, p. 731-736

<sup>89</sup> MORRIS, Leon. 1 Coríntios – Introdução e Comentário. São Paulo: Vida Nova, 1981, p. 134, 135.

<sup>90</sup> VAN UNNIK, W. C. “Jesus: Anathema or Kyrios: 1 Co 12.3. In: *Christ and Spirit in the New Testament: Studies in Honor of C. F. D. Moule*. Cambridge: Cambridge University Press, 1973, p. 113-126.



dessa fé híbrida. Ele afirma: “não é claro como tais pessoas seriam sequer aceitas como cristãs; e além disso, a palavra ἀνάθεμα (*anathema*) nunca é usada num contexto sobre Jesus levando nossos pecados.”<sup>91</sup> Para Carson, de todas as possibilidades de interpretação, a melhor seria entender que a declaração “anátema, Jesus” não foi proclamada numa reunião da igreja de Corinto. A intenção de Paulo, segundo Carson, é traçar um contraste entre o que aqueles que tem o Espírito Santo dizem sobre Jesus e o que aqueles que não tem o Espírito Santo dizem sobre Jesus. Esse último grupo, que não tem o Espírito Santo, pode incluir judeus e gentios. Carson afirma: “A preocupação de Paulo é simplesmente estabelecer um foco essencialmente cristológico para a questão de quem é espiritual, ou seja, aquele que tem o Espírito Santo”.<sup>92</sup>

Depois de estabelecer sua base teológica, ao afirmar que todo cristão autêntico possui o Espírito, Paulo passa a explicar a diversidade dos χαρισμάτων (*charismaton*; dons), dos διακονιῶν (*diakoniōn*; serviços/ministérios) e ἐνεργημάτων (*energematōn*; manifestações). Os crentes podem apresentar dons, serviços ou manifestações diferentes, mas é o mesmo Espírito, Senhor e Deus “quem efetua tudo em todos”. É inevitável identificarmos uma estrutura trinitária subjacente a estes versos. O mesmo Deus trino age em todos os membros, sem exceção. Desse modo, os dons, serviços e manifestações na igreja não são privilégio de alguns poucos, mas de todos. Percebemos isso claramente no verso 7 quando Paulo afirma que “a manifestação do Espírito é concedida a cada (ἐκάστος<sup>93</sup>) um visando a um fim proveitoso”. Sobre “manifestação” (φανερωσις<sup>94</sup>), a palavra traz a ideia de uma “manifestação pública” em contraste com algo que é feito em segredo.<sup>95</sup> A manifestação é pública porque pressupõe-se que ela ocorra na reunião da igreja ou na presença de outras pessoas, pois o propósito dela é “o bem comum”, a edificação de todos (cf. 14:26). Nos versos 8-10 Paulo apresenta a primeira lista de dons do capítulo 12.

<sup>91</sup> CARSON, D. A. *A manifestação do Espírito: a manifestação dos dons à luz de 1 Coríntios 12-14*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 31.

<sup>92</sup> Ibid., p. 33.

<sup>93</sup> Segundo o dicionário Louw-Nida significa: *cada um de uma totalidade em um sentido distributivo; "cada"*. (*Greek-English lexicon of the New Testament: based on semantic domains*. New York: United Bible Societies, 1996), p. 596.

<sup>94</sup> Essa palavra somente é encontrada no Novo Testamento nessa passagem e em 2 Co 4.2. Nessa segunda passagem, segundo o BDAG, significa “a proclamação aberta da verdade” (p. 1048, 1049).

<sup>95</sup> THISELTON, *1 Corinthians*, p. 936.

## 4. Classificação dos dons espirituais

A lista de dons espirituais em 1 Co 12.8–10 parece ser estruturada de uma forma que agrupa os tipos de dons. Mas, como os dons são agrupados? Qual era o propósito de Paulo ao agrupar as listas? A ordem ou agrupamento dos dons em 1 Co 12.8–10 revela uma hierarquia ou classificação dos dons?

Blomberg divide essa lista dos dons em três seções de acordo com o uso de Paulo dos termos ἄλλος (*allos*) e ἕτερος (*heteros*), ambos traduzidos por “outro”. As três seções são divididas do seguinte modo: 1) sabedoria e conhecimento (v. 8); 2) fé, curas, milagres, profecia e discernimento de espíritos (v. 9–10a); 3) e línguas e suas interpretações (v. 10b). Ele sugere que essas divisões produzem uma estrutura ABA, que muda de dons de palavra para dons de ação e depois de volta para dons de palavra, embora o dom de profecia possa pertencer a ambas as categorias.<sup>96</sup> Hays concorda com a classificação de Blomberg e acrescenta: “O objetivo dessa estrutura é ilustrar aos coríntios que há mais dons em ação na igreja do que aqueles em que eles se fixavam”.<sup>97</sup> Para Kistemaker e Martin a lista de nove dons espirituais representativos pode ser dividida em três categorias, quer Paulo pretendesse ou não essas divisões: (1) dons pedagógicos (sabedoria e conhecimento); (2) dons sobrenaturais (fé, curas e milagres); (3) dons comunicativos (profecia, discernimento do espírito, línguas e interpretação de línguas).<sup>98</sup>

Nem todos os estudiosos acreditam que seja fácil fazer uma classificação dos dons sem criar problemas exegéticos. Fee afirma que tentativas de classificar os vários dons são numerosas e variadas. Alguns, como Bruce<sup>99</sup>, sugerem uma ordem decrescente de valor, enquanto outros reorganizam os dons em bases conceituais. Mas Fee permanece cético quanto ao valor de classificar os dons com base na passagem, que ele afirma ignorar o ponto central de Paulo: ilustrar a diversidade das atividades/manifestações do Espírito na igreja.<sup>100</sup> Fitzmyer argumenta que a ordem dos dons espirituais em 1 Co 12.8–10 tem pouco significado. No entanto, ele sugere que as línguas e a interpretação das línguas são propositalmente colocadas no final das listas em 1 Co 12.8–10 e 1 Co 12.28-30. Isso provavelmente se deve ao fato de as línguas serem a principal razão pela qual Paulo se referiu aos “dons espirituais”

<sup>96</sup> BLOMBERG, *1 Corinthians*, p. 244.

<sup>97</sup> HAYS, Richard B. *First Corinthians*. IBC. Louisville: Westminster John Knox, 1997, p. 211, 212.

<sup>98</sup> KISTEMAKER, *1 Coríntios*, p. 517; MARTIN, *The Spirit and the Congregation*, p. 12.

<sup>99</sup> BRUCE, F. F. *1 and 2 Corinthians*. London: NCB, 1971, p. 119.

<sup>100</sup> FEE, *1 Coríntios*, p. 747, 748.

(*pneumatika*) neste ponto da carta.<sup>101</sup> Carson é outro estudioso que entende que uma classificação dos dons não pode ser feita sem encontrarmos problemas. Para ele, uma classificação fundamentada na variação dos termos gregos para “outro” (*allos e heteros*) é até interessante, mas nem sempre, nas epístolas de Paulo, encontramos essa distinção. Ele argumenta que uma divisão seja até possível, mas há sobreposição suficiente entre categorias o que torna a teoria não tão convincente. Ele conclui: “No fim das contas, é melhor tratar dos dons um por um”.<sup>102</sup>

Em seguida apresentaremos uma definição do que são “dons espirituais” e tentaremos definir cada dom separadamente.

## 5. Definição dos dons espirituais

Podemos definir “dons espirituais” como dons da graça concedidos pelo Espírito Santo com o objetivo de edificar a igreja. As manifestações do Espírito não são para trazer benefício pessoal ou status para um indivíduo, pelo contrário, uma edificação para toda a comunidade. Dos versos 8-10 Paulo apresenta nove dons espirituais dados a diferentes indivíduos, demonstrando diversidade, mas todos os dons são soberanamente originados e distribuídos pelo único Espírito, demonstrando unidade.

A tabela abaixo apresenta todas as passagens do Novo Testamento sobre os dons espirituais. Porém, a maioria dos estudiosos concorda que a lista não é exaustiva<sup>103</sup>, mesmo sendo difícil saber qual dom poderia ser acrescido.

---

<sup>101</sup> FITZMYER, Joseph A. *First Corinthians*, AB, rev. edn. New Haven: Yale University Press, 2008, p.463, 464.

<sup>102</sup> CARSON, A Manifestação do Espírito, p. 39.

<sup>103</sup> CARSON, D. A. *A manifestação do Espírito*, p. 37; SCHREINER, Thomas. *Dons Espirituais: uma perspectiva cessacionistas*. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 24; WITHERINGTON III, Ben. *Conflict and Community in Corinth: A Socio-Rhetorical Commentary*. Grand Rapids: Eerdmans, 1995, p. 257.

Rm 12.6-8	1 Co 12.8-10	1 Co 12.28	Ef 4.11	1 Pe 4.11
Profecia	Palavra de sabedoria	Apóstolo	Apóstolos	Falar
Serviço	Palavra de conhecimento	Profeta	Profetas	Servir
Ensino	Fé	Mestre	Evangelistas	
Exortação	Dons de curar	Operadores de milagres	Pastores e mestres	
Contribuição	Realização de milagres	Os que tem dons de curar		
Liderança	Profecia	Os que administram		
Misericórdia	Discernir espíritos	Os que falam variedade de línguas		
	Variedades de línguas			
	Interpretação de línguas			

### 5.1. Palavra de sabedoria e palavra de conhecimento

Estudiosos divergem ao definir o que é *palavra de sabedoria* (λόγος σοφίας; *logos sofias*;) e *palavra de conhecimento* (λόγος γνῶσις; *logos gnosis*). Sobre o significado específico delas, Witherington afirma que “há tantas tentativas de explicação quanto comentários escritos”.<sup>104</sup> Carson diz: “Não é tão claro como esses dons diferem um do outro ou até mesmo se esses dons diferem um do outro”.<sup>105</sup> Para Carson, a ênfase não é

<sup>104</sup> WITHERINGTON III, *Conflict and Community in Corinth*, p. 257.

<sup>105</sup> CARSON, *A manifestação do Espírito*, p. 40.

exatamente na sabedoria em si, mas sim na “palavra” (λόγος; *logos*, 1.18) que surge da sabedoria e do conhecimento. No Antigo Testamento podemos encontrar nos usos de “palavra de sabedoria” significados mais práticos, enquanto que “palavra de conhecimento” um significado mais teórico ou doutrinário. O que pesa sobre essa tentativa de distinção é que em 1 Coríntios não encontramos essa dicotomia nos usos de “sabedoria” e “conhecimento”.<sup>106</sup> Blomberg afirma que se Paulo pretende alguma diferença entre a palavra de sabedoria e a palavra de conhecimento, poderia ser que sabedoria fosse um “conhecimento aplicado”, particularmente em contextos morais (Pv 1.7).<sup>107</sup> Mas, então, não seria possível distinguir palavra de sabedoria de palavra de conhecimento? Para Kistemaker é possível. Ele entende que a sabedoria é o primeiro dos dois dons pedagógicos. Deus, que dá esse dom da sabedoria, transmite seu conteúdo pela mediação do Espírito Santo. Ele afirma: “O dom é a habilidade de falar sabedoria divina que os crentes recebem por meio do Espírito Santo. A sabedoria divina é contrastada com a sabedoria humana (1.17,20,25)”.<sup>108</sup> Por outro lado, a palavra de conhecimento foi definido por John Parry e citado por Kistemaker como “o conhecimento pessoal íntimo de Deus que depende, não do intelecto, mas sim do amor e do conhecimento que Deus tem ou sua familiaridade com... o homem”.<sup>109</sup>

Fee traz uma definição bem plausível. Ele prefere traduzir *logos sofias* como “mensagem de sabedoria” e pensa que a frase significa ou “uma mensagem/elocução repleta de sabedoria” ou “uma elocução caracterizada por sabedoria”. Essa expressão remete claramente ao problema abordado no início da carta (1.17-2.16), onde, com base na “sabedoria”, os coríntios estavam rejeitando tanto Paulo como seu evangelho. Ao usar a expressão *logos sofias*, Paulo tem dois objetivos: 1) Usar um dos termos que os próprios coríntios empregam para iniciar a lista de “manifestações” na assembleia que demonstram a grande diversidade intrínseca às atividades do único Espírito; 2) Remodelar aquele termo (sabedoria) à luz da obra do Espírito, e assim atribuir um conteúdo bem diferente dos Coríntios. Conforme Fee, o significado de *logos sofias* deve ser entendido à luz do argumento apresentado por Paulo em 2.6-16.<sup>110</sup> Ele escreve:

---

<sup>106</sup> Ibid., p. 40.

<sup>107</sup> BLOMBERG, 1 Corinthians, p. 244.

<sup>108</sup> KISTEMAKER, *1 Coríntios*, p. 517.

<sup>109</sup> PARRY apud KISTEMAKER, 1 Coríntios, p. 518.

<sup>110</sup> FEE, *1 Coríntios*, p. 748, 749. A palavra “sabedoria” é usada dezesseis vezes apenas em 1 Coríntios em comparação com um total de onze vezes em que é usada em Romanos, 2 Coríntios, Efésios e Colossenses, o que sugere ser esta uma palavra favorita dos coríntios (Cf. Thiselton, *1 Corinthians*, p. 939).

A mensagem de sabedoria, revelada pelo Espírito, não é uma compreensão especial das “coisas mais profundas” ou “dos mistérios de Deus”. Em vez disso, é o reconhecimento de que a mensagem de Cristo crucificado é a verdadeira sabedoria de Deus, um reconhecimento a que chegam apenas aqueles que têm recebido o Espírito.<sup>111</sup>

Já a expressão *logos gnosis* é traduzida por Fee como “mensagem de conhecimento”. Semelhante ao que acontece com a “mensagem de sabedoria”, Paulo busca recuperar essa capacitação de dom do Espírito, dissociando-a do fascínio e orgulho dos coríntios pelo “conhecimento”. Ele pensa ser provável que “mensagem de sabedoria” seja uma elocução dada pelo Espírito de algum tipo revelatório. Isso pode ser sugerido por sua posterior posição entre “revelação” e “profecia” em 14.6 e pelo fato de que, junto com profecias e línguas, ela cessará no *eschaton* (13.8). Fee conclui: “Talvez jamais venhamos a saber como o conteúdo de tal elocução a torna *gnosis*, diferente de ‘sabedoria’ e revelação”.<sup>112</sup>

Talvez um texto que pode nos ajudar a entender o que seriam as “mensagens de sabedoria e de conhecimento” é Colossenses 2:2-4. O texto diz que em Cristo “todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos” (v.3). Para Paulo, toda sabedoria (*sophia*) e conhecimento (*gnosis*) verdadeiros têm sua origem em Cristo, na sua pessoa, identidade e missão. Portanto, qualquer que fosse a situação em Corinto ou em Colossos, mensagens de sabedoria e de conhecimento, distribuídas pelo Espírito, deveriam ter relação direta com o Messias, sua cruz, ressurreição, senhorio, etc.

Schreiner tem um entendimento bem diferente. Ele argumenta que popularmente muitos se referem a “conhecimento” como uma compreensão acadêmica, enquanto que “sabedoria” representa a capacidade de aplicar esse conhecimento, mas não há base bíblica para tal definição. Também não há base bíblica para entender “palavra de conhecimento” como uma compreensão sobrenatural de um pecado de outro, um problema, uma doença, etc. Para Schreiner, “palavra de sabedoria” e “palavra de conhecimento” se referem ao dom de ensino. Seus argumentos são bem interessantes. Em seu primeiro argumento Schreiner afirma que Paulo não menciona o ensino na lista de dons em 1 Co 12.8-10, mas o dom é tão importante para Paulo que é citado em todas as outras listas de dons espirituais (Rm 12.6-8; 1 Co 12.28-30; Ef 4.11). Parece improvável, argumenta ele, que Paulo deixasse fora nessa passagem de 1 Co 12.8-10. O segundo argumento apresentado é que em 1 Co 1.18-2.16

---

<sup>111</sup> Ibid., p. 749.

<sup>112</sup> Ibid., p. 750.

a “sabedoria” está ligada à proclamação de Jesus Cristo como o crucificado. O uso que Paulo faz de “palavra” (*logos*), que encontramos em “mensagem de sabedoria” e “mensagem de conhecimento”, também aponta para o ensino. Vemos, em muitas passagens, Paulo referindo-se à mensagem que ele pregava como “palavra de Deus” (Rm 9.6; 1 Co 14.36; 2 Co 2.17; 4.2; Fp 1.14; Cl 1.25; 1 Ts 2.13; 1 Tm 4.5; 2 Tm 2.9; Tt 2.5), “palavra da fé” (Rm 10.8), “palavra da verdade” (2 Co 6.7; Cl 1.5; 2 Tm 2.15; Ef 1.13), “palavra do Senhor” (1 Ts 1.8; 2 Ts 3.1) e “palavra da vida” (Fp 2.16). Para Paulo, “conhecimento” está ligado à compreensão, o que se encaixa bem com o papel do ensino.<sup>113</sup> Schreiner também sugere que 1 Coríntios 14.6 apoia a ideia de que “conhecimento” se refira ao de ensino: “Agora, irmãos e irmãs, se eu for visitá-los e falar em línguas, em que serei útil a vocês, a não ser que leve alguma palavra de revelação, ou conhecimento, ou profecia, ou ensino?” (tradução do autor). Esse verso parece ter um padrão ABA'B'.

A Revelação

A' Profecia

B Conhecimento

B' Ensino

Assim, os que profetizam entregam revelação, e os que ensinam fornecem conhecimento. Então, quando Paulo se refere ao conhecimento chegando ao fim em 1 Co 13.8, ele se refere ao dom de ensino, reconhecendo que quem tem o dom de ensino apenas “conhece em parte” (1 Co 13.9), e o conhecimento completo só nos será dado na segunda vida (1 Co 13.12). Ao finalizar seu argumento, Schreiner afirma que a importância do ensino é especialmente enfatizada nas Epístolas Pastorais<sup>114</sup>, pois os mestres expõem, explicam e revelam a Palavra de Deus, transmitindo instrução com base na verdade já revelada.<sup>115</sup>

## 5.2. Fé

Definir o dom de *fé* (πίστις; *pistis*) não é tão difícil como definir o dom da palavra de sabedoria e palavra de conhecimento. Junto com milagres e curas, faz parte da categoria dos dons classificados como dons sobrenaturais.<sup>116</sup> Devemos entender que “fé” nesta passagem não se refere a “fé” salvífica, pois todos os cristãos devem

<sup>113</sup> Cf. Rm 15.14; Ef 1.17; 4.13; Fp 1:9-10; Cl 1.9,10; 2.2,3; 3.9,10; 1 Tm 2.4; 2 Tm 2.25; 3.7; Tt 1.1.

<sup>114</sup> Cf. 1 Tm 1.10; 2.7, 12; 4.1,6,11,13,16; 5.17; 6.1-3; 2 Tm 1.11; 3.10,16; 4.3; Tt 1.9,11; 2.1,7,10.

<sup>115</sup> SCHREINER, *Dons Espirituais*, p. 26-28.

<sup>116</sup> KISTEMAKER, *1 Coríntios*, p. 518.

possuir fé, embora Paulo considere que a “fé” que conduz a salvação seja uma obra do Espírito Santo na vida do crente. Carson entende que essa fé é para a execução de algum trabalho extraordinário. Essa “fé” capacita o crente a confiar que Deus fará acontecer certas coisas que a pessoa não pode afirmar ser alguma promessa divina registrada na Escrituras ou algum estado de coisas fundamentado na própria estrutura do evangelho.<sup>117</sup> Schreiner concorda com Carson e acrescenta: “Talvez a ‘oração de fé’ exercida pelos presbíteros quando alguém está doente (Tg 5.15) também possa ser um exemplo do dom da fé”.<sup>118</sup> Para Fee, o dom de “fé” provavelmente se refira a uma convicção sobrenatural de que Deus revelará poder ou misericórdia divinos de uma maneira especial em uma circunstância específica. É possível que, assim como a mensagem de sabedoria e de conhecimento estão provavelmente associadas uma à outra, “fé” e “dons de cura” podem estar relacionados um ao outro também, pelo menos em algumas circunstâncias.<sup>119</sup> Mas, entendemos que o texto é bem claro em afirmar que o dom da fé e os dons de cura são dados a pessoas diferentes (“a outro, fé... a outro, dons de cura”).

### 5.3. Dons de curar

Em seguida vem *dons de curar* (χαρίσματα ἰαμάτων; lit. dons de curas). Os dons de cura e milagres estão naturalmente interligados. Curas e milagres podem se sobrepor assim como sabedoria e conhecimento. Paulo não afirma que alguns membros recebem permanentemente o dom de curar, do mesmo modo, por exemplo, como alguém que possui o dom de ensino. Ele pode estar falando sobre curas que acontecem eventualmente e o “dom” do Espírito seria a cura em si. Deus pode conceder este dom a qualquer cristão que ora por um enfermo. Desse modo, Thiselton traduz χαρίσματα ἰαμάτων como “vários tipos de cura”.<sup>120</sup> Carson afirma que “nem todos estavam sendo curados por uma pessoa, e talvez algumas pessoas com um desses dons de curar poderiam, pela graça do Senhor, curar algumas doenças específicas ou uma variedade de doenças, mas somente em determinados momentos”.<sup>121</sup> A fé e o dom de cura, segundo Tiago (5:14,15), estão intimamente ligados. Nos primeiros anos da igreja cristã vemos os apóstolo e diáconos com a capacidade de realizar curas. Os

---

<sup>117</sup> CARSON, *A manifestação do Espírito*, p.40, 41. A fé salvadora é uma dádiva concedida a todos os crentes sem exceção (Ef 2:8), enquanto esta fé é uma dádiva concedida a alguns. Cf. BLOMBERG, *1 Corinthians*, p. 244.

<sup>118</sup> SCHREINER, *Dons Espirituais*, p.28.

<sup>119</sup> FEE, *1 Coríntios*, p. 750, 751; Cf. MARTIN, *The Spirit and the Congregation*, p. 14.

<sup>120</sup> THISELTON, *1 Corinthians*, p. 948; Cf. BLOMBERG, *1 Corinthians*, p. 244.

<sup>121</sup> CARSON, *A manifestação do Espírito*, p. 42.



doentes que procuravam os apóstolos eram curados (At 5.16b). Pedro curou pessoas até fazendo cair sua sombra sobre elas (At 5.15,16). Tanto Estêvão como Filipe realizaram milagres de cura em Jerusalém e Samaria (At 6.8; 8.6,7). Em Listra, na Ásia Menor, Paulo curou um homem que tinha os pés aleijados (At 14.8,10). Fee comenta que “apenas entre os intelectuais e em uma ‘era científica’ é que a se pensa que para Deus é difícil demais curar os enfermos e fazê-lo por meio de seres humanos divinamente capacitados”.<sup>122</sup> Entendendo que Deus pode usar homens para realizar curas nos dias presentes, temos também que entender que esse texto não pode ser usado como argumento para alguém reivindicar para si um “ministério de cura”, definindo dias e horários pré-determinados para a realização de milagres. Concordamos com Carson quando afirma que ninguém pode reivindicar ter um “ministério de cura”.<sup>123</sup> O próprio apóstolo Paulo indiretamente admite que lhe faltou a capacidade de curar Epafrodito (Fp 2.27), bem como Timóteo (1Tm 5.23) e Trófimo (2Tm 4.20). Uma pergunta pode surgir: Por que Deus não proporcionou a Paulo a capacidade de curar seus companheiros de ministério? Para encontrarmos uma resposta, precisamos compreender qual o propósito de restaurar os doentes. O Novo Testamento ensina que os milagres de cura eram geralmente realizados para fortalecer a fé e ampliar o círculo de crentes. Em algumas circunstâncias, Deus pode não curar um paciente meramente para promover seu bem-estar físico.<sup>124</sup>

#### 5.4. Operações de milagres

O próximo da lista é *operação de milagres* (ἐνεργήματα δυνάμεων; lit. realizações de poderes). A palavra ἐνεργήματα já foi usada no v.6, traduzida pela NVI como “formas de atuação”; já δύναμις (*dúnamis*) pode significar “poder” ou “milagre”, de acordo com o contexto (cf. Rm 1:16; Gl 3:5). Portanto, “poder para operar milagres” é uma tradução possível. Mas, que tipo de milagres o texto fala? Entendemos que todas as curas são demonstrações de poderes miraculosos, porém nem todos os poderes miraculosos são curas. As realizações de milagres podem incluir demonstrações do poder divino, milagres que afetam a natureza e até mesmo exorcismos.<sup>125</sup>

Kistemaker apresenta quatro observações sobre “operações de milagres” que tentarei resumir. 1) Quando Paulo escreve que milagres estão entre os dons supernaturais, ele

<sup>122</sup> FEE, *1 Coríntios*, p. 751.

<sup>123</sup> CARSON, *A manifestação do Espírito*, p. 42. Cf. SCHEREINER, *Dons Espirituais*, p. 29.

<sup>124</sup> KISTEMAKER, *1 Coríntios*, p. 519–520.

<sup>125</sup> CARSON, *A manifestação do Espírito*, p. 42.

não está dizendo que todo crente recebe o poder de operar milagres. Pelo contrário, ele observa que o dom de milagres era a marca distinta de um apóstolo (2 Co 12.12). 2) O Novo Testamento ensina que, na Igreja Apostólica, Deus efetuava milagres somente para confirmar a mensagem do evangelho (At 6.8; 8.7; 13.6–12; Hb 2.4). 3) Milagres de curas e poderes miraculosos parecem se sobrepor uma vez ou outra no Novo Testamento, embora uma distinção deva ser feita entre milagres na natureza e os relacionados ao corpo humano. 4) Quando a era apostólica chegou ao seu final, os milagres na natureza parecem ter chegado a um fim.<sup>126</sup> Estudiosos carismáticos (continuístas) não concordam, por exemplo, com a quarta observação. Keener, por exemplo, comenta:

Embora haja quem argumente que os milagres se restringem a períodos específicos da história bíblica, uma simples sondagem do texto bíblico mostra que esse argumento é equivocado... Sinais e maravilhas são comprovação eficaz do poder de Deus e de seu interesse por este mundo e chamam a atenção para o evangelho que proclamamos.<sup>127</sup>

## 5.5. Profecia

Ao listar *profecia* (προφητεία<sup>128</sup>; *propheteia*), Paulo volta a tratar dos dons comunicativos ou manifestações verbais. O significado do dom de profecia é bastante controverso e existem muitos debates entre os estudiosos sobre “profeta” e “profecia” no Novo Testamento. O que podemos entender sobre “profecia” a luz do Novo Testamento? Muitas tentativas de definir “profecia” foram levantadas. Robertson e Plummer entendiam que “profetizar era o poder de ver e tornar conhecida a natureza e a vontade de Deus, um dom de percepção da verdade e de poder para compartilhá-la, e, portanto, uma capacidade de edificar o caráter de homens, estimular suas vontades e encorajar seu espírito”.<sup>129</sup> Ele está correto, mas não seria uma definição, pois eles apresentam mais a função da profecia do que realmente ela é. O dicionário BDAG define como “o dom de interpretar a vontade ou propósito divino, o dom de

---

<sup>126</sup> KISTEMAKER, *1 Coríntios*, p. 521. MacArthur comenta: “Esses sinais acompanhavam a Palavra de Deus somente enquanto Ele estivesse revelando a Palavra. Quando a revelação parou, os dons de sinais pararam”. (1 Corinthians. MacArthur New Testament Commentary, p.302).

<sup>127</sup> KEENER, Craig S. *O Espírito na Igreja: O que a Bíblia ensina sobre os dons*. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 102.

<sup>128</sup> O substantivo προφητεία ocorre 19 vezes no Novo Testamento. Destas, 9 vezes em Paulo (5 vezes em 1 Cor 12–14) e 7 vezes em Apocalipse, duas vezes em 2 Pedro e uma vez em Mateus.

<sup>129</sup> ROBERTSON E PLUMMER, *First Epistle of St Paul to the Corinthians*, p. 306.

profetizar”<sup>130</sup>, uma definição bem genérica, que não nos responde de forma esclarecedora. Vejamos algumas tentativas levantadas por estudiosos para definir profecia:

- a) *Profecia seria uma exegese carismática*. A profecia deveria então ser definida como a interpretação dos textos bíblicos guiada pelo Espírito Santo. Essa ideia foi defendida por Earle Ellis em um ensaio chamado *The role of the Christian prophet in Acts*.<sup>131</sup> Entendemos que essa definição não é sensata e deve ser rejeitada porque não está claro que os profetas estivessem envolvidos em interpretações de textos bíblicos. Os profetas pronunciavam oráculos, palavras do Senhor e não dependiam para isso de textos para essa proclamação.
- b) *Profecia é o que chamamos hoje de pregação ou exposição das Escrituras*.<sup>132</sup> Vemos essa interpretação em um livro sobre pregação escrito pelo puritano William Perkins, que tem como título *A Arte de Profetizar*.<sup>133</sup> Martin afirma que é melhor ver “profecia” como um dom carismático de “pregação exortadora” servindo para identificar a comunidade.<sup>134</sup> Dentre várias razões propostas a mais comum é afirmar que a profecia no Antigo Testamento é amplamente dedicada a chamados para restauração e renovação, ou seja, é parenética. Logo, ministérios parenéticos sob a nova aliança são também um tipo de profecia. Carson rebate essa posição ao afirmar que essa relação não pode ser feita, a não ser que profecia e parênese estejam fortemente relacionadas a ponto de nunca mais serem encontradas separadas ou em qualquer outra relação. Ao concluir, Carson diz que essa ideia é um absurdo.<sup>135</sup> Quem tem o dom de profecia declara a palavra de Deus, embora seja diferente do que chamamos de pregação, já que não parte de um texto preparado. Uma diferença básica entre profecia e pregação é que o profeta não tem um texto.

---

<sup>130</sup> ARNDT, William, et al. *A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature*. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 889.

<sup>131</sup> ELLIS, E. Earle, “The role of the Christian prophet in Acts”. In: GASQUE, W. Ward; MARTIN, Ralph. *Apostolic history and the gospel: biblical and historical essays presented to F. F. Bruce*. Milton Keynes: The Paternoster Press, 1970. P. 130-144.

<sup>132</sup> Cf. HILL, David. *New Testament Prophecy*. Atlanta: John Knox, 1980, p. 108ss; GARLAND, 1 *Corinthians*, p. 632.

<sup>133</sup> PERKINS, William. *A Arte de Profetizar*. Brasília: Monergismo, 2008.

<sup>134</sup> MARTIN, *The Spirit and the Congregation*, p. 14.

<sup>135</sup> CARSON, *A Manifestação do Espírito*, p. 94.

O profeta revela a Palavra de Deus, o pregador expõe essa Palavra.<sup>136</sup> Schreiner enfatiza que “profecia não é o mesmo que pregação, embora possa se sobrepor em alguns aspectos com a função da pregação, já que aqueles que profetizam podem declarar e aplicar a verdade de Deus a pessoas em situações específicas”.<sup>137</sup>

- c) *Profecia é o ato de receber e entregar uma revelação espontânea de Deus.* Fee afirma que profecia “consistia em mensagens espontâneas, inspiradas pelo Espírito e inteligíveis, entregues de forma oral na assembleia reunida, destinadas à edificação ou ao encorajamento das pessoas”.<sup>138</sup> Devemos reconhecer que os que profetizavam estavam no controle de seus atos (14.29-33), ou seja, ao exercitar este dom, o profeta jamais entrava em algum tipo de “transe incontrolável”. Diferentemente de vários cultos de mistério que existiam entre os pagãos, o profeta cristão continuava consciente e em pleno uso de suas faculdades.

É importante observar que o Novo Testamento orienta que toda profecia precisava ser julgada ou avaliada pelos ouvintes (14:29; 1 Ts 5:19-21; 2 Ts 2:1-3; 1 Jo 4:1). Seria uma indicação que o profeta do Novo Testamento não era infalível como era o profeta do Antigo Testamento? Wayne Grudem acredita que sim. Ele considera que a profecia do Antigo Testamento era infalível e inerrante, mas a do Novo Testamento, falível.<sup>139</sup> Sobre a continuidade deste dom hoje, 1Coríntios 13:8-10 parece deixar claro que as profecias cessarão somente com a *Parousia*, isto é, somente com a segunda vinda de Cristo, “quando vier o que é perfeito”. Porém, muitos cessacionistas enfatizam a natureza essencialmente revelatória de línguas e profecias e com o fechamento do cânon, não é mais possível novas revelações. Em resumo, línguas e profecias foram dons que cessaram na Igreja Primitiva. Gaffin afirma:

Profecia e línguas são dons de revelação, temporariamente dados à igreja durante seu período fundacional, apostólico. Eles estiveram inseparavelmente conectados com o ministério dos apóstolos e foram desde então permanentemente retirados, junto com os apóstolos, da vida da igreja.<sup>140</sup>

---

<sup>136</sup> GAFFIN, Richard. *Perspectivas Sobre o Pentecostes: Estudos sobre o Ensino do Novo Testamento Acerca dos Dons*. Recife: Os Puritanos, p. 80

<sup>137</sup> SCHREINER, Dons Espirituais, p. 91.

<sup>138</sup> FEE, 1 Coríntios, p. 753.

<sup>139</sup> GRUDEM, Wayne. *O Dom de Profecia no Novo Testamento e Hoje*. 2 ed. Natal: Carisma, 2017.

<sup>140</sup> GAFFIN, *Perspectivas Sobre o Pentecostes*, p. 127.

## 5.6. Discernimento de Espírito

O dom de *discernimento de Espírito* (διακρίσεις πνευμάτων; *diakriseis pneumatōn*) reflete a habilidade de discernir entre o que é verdadeiro e o que é falso. Um exemplo prático desse dom pode ser visto em Atos 16.16-18 quando Paulo expulsa um espírito adivinhador de uma jovem escrava. O próprio Jesus já tinha deixado claro que surgiriam pessoas que fariam milagres e expulsariam demônio em seu nome, mas essas pessoas nunca pertenceram a ele (Mt 27.21-23). Schreiner afirma que “quem tem o dom de discernimento conhece bem as Escrituras e, dessa forma, está particularmente equipado para ‘provar os espíritos e julgar se eles procedem de Deus’ (1 Jo 4.10)”.<sup>141</sup> Para Grudem, discernir espíritos pode ser também entendido como a capacidade de discernir ou julgar corretamente as profecias e os profetas (1 Co 14.29)<sup>142</sup>. Keener afirma: “O contexto indica que Paulo se refere especificamente ao dom de avaliar profecias com exatidão. Não significa, porém, que a aptidão para identificar erro em situações não relacionadas a profecias não venha do Espírito”.<sup>143</sup>

Fee argumenta que o mais provável, tendo em vista o uso do termo por Paulo no capítulo 14, que discernimento de espírito se refira aos dois sentidos, mais particularmente ao fenômeno descrito como “discernir, diferenciar ou corretamente julgar” profecias.<sup>144</sup>

## 5.7. Variedade de línguas e interpretação de línguas

Em seguida, Paulo cita o dom de variedade de línguas (γέννη γλωσσῶν; *gene glossōn*). Após Paulo alistar várias manifestações igualmente visíveis e extraordinárias do Espírito, ele conclui incluindo a manifestação favorita dos coríntios. Ao falarem em línguas incompreensíveis, alguns dos coríntios aparentemente se vangloriavam de sua espiritualidade. Por esta razão, Paulo os encoraja a “seguir o caminho do amor e buscar com dedicação os dons espirituais, principalmente o dom de profecia” (14.1). Ele não os proíbe de falar em línguas, mas organiza e limita seu uso (14.26-28), coloca este dom sempre no final das listas (12.8-10, 28-30) e argumenta em favor da superioridade do dom de profecia (14:1-25) e da necessidade do amor (cf. 13:1-13).

<sup>141</sup> SCHREINER, Dons Espirituais, p. 29.

<sup>142</sup> GRUDEM, Wayne. O Dom de Profecia no Novo Testamento e Hoje. 2 ed. Natal: Carisma, 2017, p. 36, 37, 46 n24.

<sup>143</sup> KEENER, O Espírito na Igreja, p. 134.

<sup>144</sup> FEE, 1 Coríntios, p. 754. Cf. BARRETT, 1 Corinthians, p. 286.

O assunto do falar em línguas é um assunto que gera muitas discussões entre os estudiosos. Surgem inúmeras perguntas sobre esse tema, como: O que é o dom? Como a Bíblia se refere a ele? O dom de línguas se refere a uma linguagem extática (*glossolalia*) ou falar de idiomas estrangeiros (*xenoglossia*)? Ao falar em línguas, a pessoa que dizia as palavras não sabia o que elas significavam, a menos que tivessem quem interpretasse, ou a pessoa entendia plenamente, tão plenamente como alguém que fala a sua língua nativa? Será possível alguém falar em língua hoje?

Podemos dizer que falar em línguas é falar algo inspirado pelo Espírito Santo dirigido a Deus (7.11; 12.10; 14.2, 14, 15, 28). A sua principal função, particularmente ou publicamente, é a oração e o louvor a Deus.<sup>145</sup> A grande discussão é se Paulo entendia como uma língua humana ou língua extática. Muitos estudiosos entendem que o dom de línguas se referem a línguas dos anjos.<sup>146</sup> Martin entende que “línguas” sugere um discurso extático que também é chamado em 13.1 de “línguas dos anjos” e que precisa de “interpretação” (*hermeneia*) para que o ouvinte seja edificado pelo que é falado na assembleia (14.13-19). Morris também acredita que era uma linguagem extática<sup>147</sup> e Poythress concorda.<sup>148</sup> Porém, Fee, que é um teólogo carismático, pensa bem diferente. Ele afirma que as regulamentações a serem apresentadas sobre o uso das línguas no capítulo 14 deixam claro que o falante não está em “êxtase” ou “descontrolado”, ou seja, os falantes devem falar cada um por vez e permanecer em silêncio se não houver ninguém para interpretar.<sup>149</sup>

Entender a manifestação do dom de línguas como um fenômeno de *xenoglossia* é bem mais sensato. A *xenoglossia* é o ato de falar em uma língua estrangeira existente, porém, desconhecida do falante. Esta é a opinião da maioria dos Pais da Igreja, escritores medievais e dos Reformadores do século dezesseis.<sup>150</sup> Logo, este ponto de vista associa o fenômeno de línguas ao de Atos 2.4-11, como sendo da mesma natureza. Carson acredita que Paulo considerava o dom de línguas um dom de idiomas existentes, ou seja, de línguas que eram cognitivas. Ele afirma: “Certamente as línguas em Atos exerceram algumas funções diferentes das que eram exercidas em 1 Coríntios; mas não há evidência substancial que sugira que Paulo pensasse as

<sup>145</sup> KEENER, O Espírito na Igreja, p. 136.

<sup>146</sup> FEE, 1 Coríntios, p. 756; BARRETT, 1 Corinthians, p. 299, 300; CONZELMANN, 1 Corinthians, p. 209.

<sup>147</sup> MORRIS, 1 Coríntios, p. 138.

<sup>148</sup> POYTHRESS, Vern Sheridan. The Nature Of Corinthian Glossolalia: Possible Options. Westminster Theological Journal 40/1, 1977, p. 130-135.

<sup>149</sup> FEE, 1 Coríntios, p. 755.

<sup>150</sup> THISELTON, 1 Corinthians, p. 973, 974.

duas como essencialmente diferentes”.<sup>151</sup> Apresento alguns argumentos defendidos por estudiosos que as línguas de Atos e 1 Coríntios são idiomas humanos:<sup>152</sup>

1. Em Atos 2, o dom de línguas é claramente o de falar em idiomas existentes, porque pessoas de diversos lugares do mundo ouviram os apóstolos “falar em sua própria língua” (2.6) e “cada um” os ouviu “em sua própria língua materna” (2.8). Os estrangeiros admirados perguntaram: “Como os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus?” (2.11). Alguns chegaram a defender que o dom, na verdade, não era *falar*, mas *ouvir*<sup>153</sup>, porém não é uma maneira natural de ler o texto. Atos 2.6 deixa bem claro que as pessoas os ouviam “falar em sua própria língua”, nos mostrando que o dom em Atos 2 era a capacidade de falar outros idiomas. Ainda no livro de Atos, vemos o episódio do falar em línguas quando Cornélio e seus amigos receberam o Espírito Santo (10.1-48). Pedro afirma: “Pois, se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós”, deixa bem claro que o dom é o mesmo de Atos 2, ou seja, Cornélio e seus amigos falaram em idiomas que não conheciam. Em Atos 19.6 vemos o relato dos doze efésios falando em línguas e devemos interpretar da mesma forma, pois Lucas não nos deixou qualquer indício do contrário.
2. Em 1 Coríntios 12-14 as línguas não devem ser entendidas como expressões extáticas, pois as línguas não podem ser interpretadas a não ser que tenham um código que possa ser decifrado e língua (*glossa*) aponta para um idioma, para algum tipo de código. Argumentar que Paulo se refere a uma linguagem extática quando trata da língua de anjos (13.1) não é correta. Entendemos que Paulo faz uso de um embelezamento retórico nessa passagem e isso é apoiado pelo contexto. Percebemos que Paulo faz uso da hipérbole (exagero) quando relata o falar em línguas, a profecia e a fé (13.1,2). Esse tipo de argumento era conhecido como *reductio ad absurdum* e é usado por Paulo várias vezes na mesma carta, com o mesmo propósito de produzir uma maior impressão.<sup>154</sup> Paulo afirma que se ele pudesse falar todos os idiomas conhecidos ou até mesmo falar uma linguagem que seres celestiais usam para se comunicar, e ainda que ele fosse um profeta onisciente ou que fosse capaz

---

<sup>151</sup> CARSON, *A Manifestação do Espírito*, p. 85.

<sup>152</sup> SCHREINER, *Dons Espirituais*, p. 115-121.

<sup>153</sup> Alan Johnson afirma: “Atos 2 pode ser facilmente entendido como um milagre de ouvir, em vez de falar.” (*1 Corinthians*, p. 227).

<sup>154</sup> LOPES, *O Culto Espiritual*, p. 106-107. João Calvino concorda que Paulo usou uma hipérbole ao tratar de línguas dos anjos (*1 Coríntios*. São José dos Campos: Fiel, 2015, p. 456).

de mover montes (algo jamais conseguido por um cristão na história da igreja), se não tivesse amor, ele nada seria.

Portanto, não existe nenhuma evidência forte de que Atos e I Coríntios se refiram a dois tipos de diferentes dons de línguas. Nas duas situações era necessário um intérprete presente para se entender o que estava sendo dito, quer seja alguém que conhece o idioma desde o nascimento, quer seja alguém com o dom de interpretação de línguas.

E, por fim, um dos maiores embates da atualidade sobre o dom de línguas é afirmar se ele é contemporâneo, ou cessou. Não temos uma resposta para essa grande discussão e nem é o objetivo desse trabalho. Diferentes teólogos respeitados adotam posições diferentes.<sup>155</sup> MacArthur afirma que a única posição bíblica é que nenhum dom de línguas contemporâneo conhecido é bíblicamente válido, devendo essa prática parar imediatamente.<sup>156</sup> Já Packer afirma que o atual fenômeno, mesmo diferente de Corinto e do Pentecostes, parece fazer mais bem do que mal, tendo ajudado muitos crentes no que diz respeito a adoração, oração e compromisso, devendo ser avaliado como um bom dom de Deus.<sup>157</sup>

O verso 11 conclui o argumento iniciado no verso 4. “Todas estas coisas”, ou seja, os dons espirituais (cf. vv.8-10), são realizadas e distribuídas soberanamente pelo mesmo Espírito a cada membro do Corpo. Em resumo, o verso nos permite afirmar que o Espírito pode distribuir suas diversas “manifestações” (v.7) em caráter permanente ou ocasional, conforme a sua vontade soberana. O v.11 nos lembra de que é o Espírito, não o crente, quem decide quem recebe este ou aquele dom.<sup>158</sup> Nenhum membro possui todos os dons e nenhum membro deve ser desprezado, porque todos são capacitados pelo Espírito para a edificação do Corpo. A diversidade das manifestações faz parte do propósito de Deus para a edificação e a interdependência na igreja.

---

<sup>155</sup> Para compreender quatro pontos de vista distintos sobre os dons espirituais ver GRUDEM, Wayne. *Cessaram os dons espirituais?: 4 Pontos de vista*. São Paulo: Vida, 2003.

<sup>156</sup> MACARTHUR JR, John. *Os Carismáticos: um panorama doutrinário*. 5 ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2002, p. 156. Cf. MACARTHUR JR, John. *Fogo Estranho: Um olhar questionador sobre a operação do Espírito Santo no mundo hoje*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2015.

<sup>157</sup> PACKER, J. I. *Na Dinâmica do Espírito*. São Paulo: Vida Nova, 1991, p. 207. Cf. STORMS, Sam. *Dons Espirituais: Uma introdução bíblica, teológica e pastoral*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

<sup>158</sup> WITHERINGTON III, *Conflict and Community in Corinth*, p. 257.



## Conclusão

Defendemos neste trabalho que a passagem de 1 Coríntios 12.1-11 é repleta de problemas de interpretações e que existe uma necessidade de aprofundamento sobre esse tema especial que são os dons espirituais. Entendemos que Paulo tenta esclarecer essa temática e, ao mesmo tempo, busca repreender os coríntios pelo mau uso dos dons espirituais (*pneumatikon*). Paulo busca apresentar uma estrutura trinitária em relação aos dons. Os crentes podem apresentar dons, serviços ou manifestações diferentes, mas é o mesmo Espírito, Senhor e Deus “quem efetua tudo em todos”. O mesmo Deus trino age em todos os membros, sem exceção.

Mesmo não existindo uma unanimidade entre os estudiosos sobre como fazer uma classificação dos dons, ela é necessária e importante para fins didáticos. Do mesmo modo, sabendo da grande diversidade de interpretações sobre o que significa cada dom espiritual, buscamos identificar qual seria a melhor definição de cada dom. Que possamos exercer os dons espirituais com sabedoria em nossos dias, buscando resgatar o propósito para o qual eles foram estabelecidos: Exaltação e senhorio de Cristo; edificação de sua igreja; bem como o exercício de uma prática amorosa entre os irmãos.

## Referências

- ARNDT, William, et al. *A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature* (BDAG). Chicago: University of Chicago Press, 2000.
- BLOMBERG, Craig. *1 Corinthians*, NIVAC. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1994.
- BRUCE, F. F. *1 and 2 Corinthians*. London: NCB, 1971.
- CALVINO, João. *1 Coríntios*. São José dos Campos: Fiel, 2015.
- CARSON, D. A. *A manifestação do Espírito: a manifestação dos dons à luz de 1 Coríntios 12-14*. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- CIAMPA, Roy E. *First Letter to the Corinthians*. The Pillar New Testament Commentary. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2010.
- EKEM, John David. “*Spiritual gifts*” or “*spiritual persons*”? *1 Corinthians 12:1a revisited*. *Neotestamentica*, 38 no 1 2004.

- FEE, Gordon. *1 Coríntios – Comentário Exegético*. São Paulo: Vida Nova, 2019.
- FITZMYER, Joseph A. *First Corinthians*, AB, rev. edn. New Haven: Yale University Press, 2008.
- GAFFIN, Richard. *Perspectivas Sobre o Pentecostes: Estudos sobre o Ensino do Novo Testamento Acerca dos Dons*. Recife: Os Puritanos, 2015.
- GARLAND, David E. *1 Corinthians – Baker Exegetical Commentary on the New Testament*. Grand Rapids: Baker Academic, 2003.
- GRUDEM, Wayne. *O dom de Profecia: no Novo Testamento e hoje*. 2 ed. Natal: Carisma, 2017.
- HAYS, Richard B. *First Corinthians*. IBC. Louisville: Westminster John Knox, 1997.
- JOHNSON, Alan F. *The IVP New Testament Commentary Series: 1 Corinthians*. Westmont: IVP Academic, 2004.
- KENNER, Craig. *O Espírito na Igreja: O que a Bíblia ensina sobre os dons*. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento – 1 Coríntios*. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.
- LOPES, Augustus Nicodemus. *O Culto Espiritual*. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- . *Paulo e os Espirituais*. Revista Fides Reformata v. 3, n. 1, 1998.
- LOUW, Johannes P. NIDA, Eugene A. *Greek-English Lexicon of the New Testament based on semantic domains*. Vol. 1 – Introduction & Domains. 2 ed. New York: United Bible Societies, 1989.
- MARTIN, Ralph. *The Spirit & the Congregation: Studies in I Corinthians 12-15*. Eugene: Wipf & Stock, 1997.
- MACARTHUR, John. *1 Corinthians: The MacArthur New Testament Commentary*. Chicago: Moody Press, 1984.
- . *Os Carismáticos: um panorama doutrinário*. 5 ed. São José dos Campos: Fiel, 2002.
- MORRIS, Leon. *1 Coríntios – Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1981.

PACKER, J. I. *Na Dinâmica do Espírito*. São Paulo: Vida Nova, 1991.

POYTHRESS, Vern Sheridan. *The Nature Of Corinthian Glossolalia: Possible Options*. Westminster Theological Journal 40/1, 1977.

ROBERTSON, Archibald; PLUMMER, Alfred. *A Critical and Exegetical Commentary on the First Epistle of St Paul to the Corinthians*. 2 Ed. Edinburgh: T&T Clark, 1914.

SCHATZMANN, Siegfried S. *Purpose and Function of Gifts in 1 Corinthians*. Southwestern Journal of Theology. Vol. 45. Fall 2002.

SCHREINER, Thomas R. *1 Corinthians: An Introduction and Commentary*. Tyndale New Testament Commentary. Downers Grove: IVP Academic, 2018.

----- . *Dons Espirituais: Uma perspectiva cessacionistas*. São Paulo: Vida Nova, 2019.

THISELTON, Anthony. *The First Epistle to the Corinthians: a commentary on the Greek text*, New International Greek Testament Commentary, Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2000.

WITHERINGTON III, Ben. *Conflict and Community in Corinth: A Socio-Rhetorical Commentary*. Grand Rapids: Eerdmans, 1995.